

Apresentação: para reler Grotowski

Tatiana Motta Lima

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –
UNIRIO, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Em meados do ano de 2012, Gilberto Icle convidou-me para fazer a curadoria de um dossiê sobre Jerzy Grotowski, que comporia, junto com artigos relacionados a outros temas, o número seguinte da Revista Brasileira de Estudos da Presença, que ele estava editando desde 2011. Ao aceitar a tarefa, não imaginei – não imaginávamos, eu e ele – que o que havia sido pensado como um pequeno dossiê se transformaria, com o decorrer do trabalho, em um número temático inteiramente dedicado ao percurso de Grotowski e àquele do *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*¹. Pois é justamente esse número – Dossiê Grotowski – que agora, com muita felicidade, apresento a vocês.

Agora que a revista está pronta, com seus 16 artigos e 5 resenhas, parece-me natural – sem, é claro, esquecer o esforço e o desejo envolvidos na sua feitura – que tudo tenha se passado dessa forma. Esta revista nasce em acordo com um interesse crescente pelo percurso e investigação de Grotowski, e também de Thomas Richards e Mario Biagini² – diretor e diretor associado do *Workcenter* – no Brasil.

Fazendo um panorama não exaustivo desse interesse crescente nas últimas décadas, podemos lembrar que, em 1996, Grotowski, Richards, Biagini e uma série de artistas e estudiosos vieram ao Brasil, a convite do SESC-SP para participar do *Seminário Internacional Arte como veículo*, um amplo seminário com palestras, mostras de vídeo, encontros com grupos brasileiros e apresentação daquela que era, na ocasião, a obra do *Workcenter: Action*³. Se, nesse momento, houve uma aproximação do trabalho realizado em Pontedera com alguns artistas e estudiosos brasileiros, foi, de fato, só a partir do final dos anos 2000 que o nome de Grotowski e do *Workcenter* voltaram a ganhar destaque no Brasil.

Em 2006, a Editora Perspectiva publicou *Terra de Cinzas e Diamantes*, de Eugenio Barba, sobre o período em que acompanhou o trabalho de Grotowski na Polônia. Em 2007, houve o lançamento de *O Teatro de Jerzy Grotowski, 1959-1969*, importante publicação com curadoria de Carla Pollastrelli e Ludwik Flaszen, com textos de

Grotowski, Flaszen e Barba, publicados, quase todos, pela primeira vez no Brasil. Desde então, os fatos relacionados a Grotowski e ao *Workcenter*, seja no que diz respeito a eventos, seja no que diz respeito a traduções de livros, vêm se acumulando.

Ainda em 2007, Carla Pollastrelli veio ao Brasil para o lançamento do livro e ministrou palestras em alguns estados, como São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2009, *ano Grotowski* pela UNESCO, ocorreu sob minha coordenação geral, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte (coordenação regional de Fernando Mencarelli), em Ouro Preto (coordenação regional de Ricardo Gomes) e em Santa Maria (coordenação regional de Daniel Plá), o *Seminário Internacional Grotowski 2009: uma vida maior do que o mito*, com a presença de Ludwik Flaszen e François Kahn, entre muitos outros. Em 2011, o ECUM/BH trouxe Richards, Biagini e outros membros do *Workcenter*, para oficinas, encontros e mostra de filmes. Em 2012, pela primeira vez, o *Workcenter* apresentou suas obras e espetáculos dentro do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto e do Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana. E agora, em 2013, quase conjuntamente com a publicação deste dossiê, no SESC-Consolação, em São Paulo, está começando a ocupação *Workcenter*, com apresentações de espetáculos, conferências, oficinas, etc. Sua presença se torna cada vez mais frequente no Brasil e o desejo de seus diretores é mesmo o de estabelecer uma relação permanente com o País.

A outra vertente que cresce é justamente a de publicações relacionadas à obra de Grotowski. Em 2011/2012 foram cinco publicações – todas resenhadas neste número da revista: o livro de Richards, *Trabalhar com Grotowski sobre as Ações Físicas*, o relançamento de *Para Um Teatro Pobre*, único livro de Grotowski e que estava esgotado no Brasil, *O Trabalho de Voz e Corpo de Zygmunt Molik*, um dos principais atores do Teatro Laboratório, *Avec Grotowski*, uma reunião de textos de Brook sobre Grotowski e *Palavras Praticadas: o percurso de Jerzy Grotowski*, de minha autoria, que trata do percurso de Grotowski entre os anos 1959 e 1974. Esses livros foram publicados por três editoras: Dulcina, de Brasília e Perspectiva e É Realizações, de São Paulo. São editoras que vêm demonstrando interesse no tema. A última citada está, inclusive, comprometendo-se com duas coleções – a Coleção Grotowski e a Coleção *Workcenter* – para as quais já adquiriu os direitos de tradução de vários títulos. São livros de Flaszen, Kumiega, James Slowiak/Jairo Cuesta e Thomas Richards, entre outros, que serão publicados ainda este ano e no próximo.

Mas, se eventos são realizados e publicações internacionais começam a ser traduzidas, ainda estamos longe de testemunhar aqui uma reflexão acumulada sobre a obra de Grotowski e, mais ainda, sobre o trabalho atual do *Workcenter*. Como acabamos de ver, apenas um livro dos mencionados acima foi escrito por um brasileiro. E, embora em número crescente, ainda são poucos os artigos, dissertações e teses vinculadas especificamente ao tema. Este dossiê é, portanto, extremamente importante. Os artigos e resenhas aqui apresentados oferecerão ao leitor/espectador instrumentos para que sua leitura (ou releitura) dos textos desses artistas e uma possível visitação de suas obras e espetáculos – textos e obras que, como vimos, estão chegando e chegarão ao Brasil com mais e mais frequência – se faça de modo mais livre, investigativo, inquieto; afastado dos chavões, das mitologias, das leituras gerais e generalizantes que nos davam a impressão de que conhecíamos a investigação de Grotowski quando, de fato, apenas começamos a dar conta de sua complexidade.

A revista oferece ainda uma contribuição extremamente importante: uma reflexão sobre o trabalho atual e as obras mais recentes do *Workcenter*, justamente aquelas com que estamos entrando em contato recentemente através dos eventos supracitados. Com exceção de alguns poucos artigos, não existe, no Brasil, uma análise sobre a investigação desenvolvida no *Workcenter* e nem mesmo sobre *a arte como veículo*, última fase de trabalho de Grotowski. Nesta publicação, pelo menos oito artigos são especificamente dedicados a estes temas e muitos outros o tangenciam.

Reúne-se, nessa publicação, entre articulistas e resenhistas, um grupo de professores doutores e mestres brasileiros – todos também artistas, atores e/ou diretores – que têm estado à frente – sem querer com isso dizer que sejam os únicos – tanto de uma reflexão importante sobre a obra desses artistas, como também de muitos dos eventos acima citados. Alguns – como eu mesma e Fernando Mencarelli – têm acompanhado o trabalho do *Workcenter*, como palestrantes em encontros e seminários, observadores de oficinas e *workshops*, etc. Ricardo Gomes e Daniel Plá, professores, respectivamente, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), têm produzido inúmeros eventos ligados às investigações de Grotowski, alguns com presença de antigos colaboradores, como François Kahn, e do próprio *Workcenter*. Carla Andréa Lima e Mauro Rodrigues, recém-doutores, foram orientan-

dos de Mencarelli e Lidia Olinto, mestra, foi coorientada por mim em parceria com Matteo Bonfitto, o que, sem retirar a maturidade individual desses pesquisadores, demonstra que um processo de formação e de discussão desses temas encontra-se em curso em alguns programas de pós-graduação. Patrícia Furtado foi coorganizadora do Seminário Internacional Grotowski 2009 e traduziu o importante livro de Richards, do qual faz a resenha para este dossiê. As pesquisas de Cassiano Quilici, embora não estejam até agora estritamente vinculadas a uma investigação sobre a obra de Grotowski ou do *Workcenter*, têm oferecido a muitos de nós – Plá, Olinto e eu mesma – algumas importantes chaves de leituras para analisar a obra desses artistas. Dorys Calvert, doutoranda na Paris III, já publicou alguns artigos no Brasil sobre o trabalho do *Workcenter*, e investiga na sua tese – pelas lentes da neurociência – algumas obras, entre elas a de Grotowski. Larissa Elias, especialista em Brook e sempre interessada nas investigações de Grotowski, também contribuiu para esta publicação com uma resenha sobre o livro de Brook.

Este dossiê foi, nesse sentido, tanto lugar de reconhecimento de um esforço de produção e investigação intelectual já realizado, quanto aponta para a formação de um possível grupo de jovens e não tão jovens pesquisadores em torno de uma *re-leitura* da obra de Grotowski que se faz, cada vez mais, necessária.

A contribuição dos pesquisadores estrangeiros é extremamente relevante para esta edição. Foram convidados professores – que são pesquisadores renomados e, alguns deles, também artistas – de diferentes universidades italianas (Attisani e Giacché), francesas (Vautrin, Butel e Boisson) e americanas (Salata) que têm, alguns há muito tempo e outros mais recentemente, acompanhado presencialmente a investigação e as obras do *Workcenter*, refletido de maneira inovadora sobre esse trabalho, e também se envolvido na organização de – e na participação em – eventos ligados a essa investigação. Kris Salata, por exemplo, lançou no final de 2012, pela editora anglo-americana *Routledge*, o livro *The Unwritten Grotowski: theory and practice of the Enconter*, dedicado à última fase de trabalho de Grotowski.

Na impossibilidade de falar extensamente sobre cada um desses pesquisadores, me deterei em Antonio Attisani que, a meu ver, tornou-se, após a morte prematura da professora Lisa Wolford Wylam (New York University/NYU), o mais importante investigador do trabalho atual do *Workcenter*, por sua proximidade, capacidade de

análise e criatividade. A presença de Attisani é constante nos eventos do *Workcenter* – como palestrante, organizador, etc. – e ele também é responsável, junto com Biagini, pela organização da obra – em três tomos – *Opere e Sentieri*, publicada pela editora italiana Bulzoni e dedicada a Grotowski (publicação de textos selecionados), ao *Workcenter* e à arte como veículo. Antes disso, Attisani publicou, em 2006, um livro bastante denso onde aponta uma direção frutífera de investigação para outros pesquisadores, retirando Grotowski de uma interpretação datada e mecânica. O livro chama-se *Um teatro apócrifo, Il potenziale dell'arte teatrale nel Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards* e foi publicado pela Editora Medusa. Attisani também acaba de organizar o livro *Jerzy Grotowski, L'eredità vivente*, pela Editora Accademia di Torino, livro que está acessível *online*. Attisani assina, neste número, dois artigos. No artigo de abertura, nos convida a uma leitura renovada e criativa do percurso de Grotowski, sempre em relação – para ele essa perspectiva é essencial – com a obra do *Workcenter*.

O artigo de Antonio Attisani que abre este dossiê, além das suas várias qualidades, explicita pelos menos duas posições/escolhas que organizaram esta publicação. A primeira é a recontextualização de Grotowski no presente, não como facilitação de suas ideias/experiências, mas, ao contrário, como um querer se haver tanto com as questões deixadas por ele, que são extremamente atuais, quanto com a radicalidade – em termos de extensão, tempo, direção e inventividade – das suas investigações. A segunda é a possibilidade de olhar para os percursos de Grotowski e do *Workcenter* percebendo sua dimensão de *arte como veículo* e, a partir daí, o convite ou chamado que podem fazer à presença dessa potencialidade da arte – ser *veículo* – em outros contextos e formatos. Como nos diz Attisani: “[...] a arte é um veículo, ou melhor, era, deveria sê-lo, e o será novamente, se formos capazes de reconquistar a sua função de ato de conhecimento (de si) e, portanto, de transformação individual e coletiva” (p. 27).

Esta edição da revista, ainda que não haja uma marcação nesse sentido, foi dividida em dois blocos. Um primeiro bloco dedicado ao percurso de Grotowski que vai até a sua última fase de investigação, a arte como veículo⁴, e a algumas noções do seu léxico. E um segundo bloco voltado para as obras e questões do *Workcenter*. Mas, se essa separação nos ajudou a colocar em determinada ordem os diversos artigos, é necessário dizer que ela acabou sendo mais organizacio-

nal do que efetiva. De maneira alguma os blocos são estanques. Ao contrário, eles se interpenetram com frequência e alguns artigos poderiam estar com facilidade no bloco contrário. Um leitor atento fará, com certeza, inúmeras relações entre textos que, a princípio, pertenceriam a blocos diferentes. Já nesta apresentação, deixarei algumas pistas nesse sentido.

No primeiro artigo do primeiro bloco, depois daquele de Attisani, Kris Salata apresenta o que considera o trabalho mais secreto de Grotowski, aquele sobre o *homem interior* ou *homem total*, a partir da herança do Romantismo Polonês; em seguida, acompanhamos a noção de *via negativa*, em um diálogo com a psicanálise (Carla Andréa Lima), e de *essência*, a partir de uma relação com a investigação de Gurdjieff (Mauro Rodrigues). Discute-se, ainda, o percurso da relação com o espectador nos espetáculos do Teatro Laboratório, apontando para o aspecto permanentemente investigativo e autocrítico de Grotowski (Bénédicte Boisson). Os três últimos artigos desse bloco – Fernando Antonio Mencarelli, Daniel Reis Plá e Cassiano Sydow Quilici – referem-se, principalmente às fases (e questões pertinentes ao) do *Teatro das Fontes*, do *Objective Drama* e da *Arte como veículo*. Esses três artigos, assim como aquele que escrevi – e que por motivos outros coloquei em um segundo bloco – dialogam, por colaboração e/ou fricção, fortemente entre si, o que dará ao leitor, no ir e vir entre eles, a possibilidade de visitar, aprofundar e complexificar certos temas que aparecerão repetidamente – mas nunca da mesma maneira – nos diferentes escritos. Para citar alguns desses temas: transculturalidade, tradição e investigação, técnica, organicidade e verticalidade.

No segundo bloco, o *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards* e sua investigação mais atual é que estão em primeiro plano. E não à toa, são estudiosos europeus que escrevem sobre essa investigação. Yannick Butel, Piergiorgio Giacchè e Antonio Attisani são espectadores frequentes das obras do *Workcenter* e, em seus artigos, falam mesclando esses dois lugares, esses dois pontos de vista: a reflexão – de altíssimo nível – nasce da afetação produzida pelas obras e pelo *encontro* com os artistas. As obras mais recentes do *Workcenter*, como *The Living Room* e *I Am America*, assim como as mais antigas, como *Action* e *Dies Irae*, são, aqui, investigadas. O que fica em primeiro plano é a direção *viva*, em permanente transformação – e, portanto, surpreendente mesmo para quem a acompanha de perto –

das investigações de Richards e Biagini. Como diz Attisani: “Acredito que aqueles que conheceram esta companhia cosmopolita em anos precedentes ficarão muito impressionados com as inovações que estão emergindo desse fluxo, inovações substanciais uma vez que não surgem de uma pesquisa de soluções formais, mas de processos que unem o conhecimento de si a uma visão poética sobre o mundo de hoje” (p. 30). Meu artigo, também nesse bloco, é dedicado a refletir sobre os cantos de tradição no trabalho do *Workcenter*. Aproximo-me desses cantos menos a partir das obras – embora as tenha assistido com alguma frequência e traga o impacto desses cantos sobre o meu corpo e coração – e mais através dos textos e conferências de Grotowski, Richards e Biagini que li ou assisti. Também nestes textos e encontros, a palavra é *viva* e *atua sobre* o leitor/estudioso que não sai ileso. Também a partir dessa *palavra praticada* determinadas dimensões da experiência do *Workcenter* podem vir à tona.

Foto 1 – *The Living Room* (2010)



Na foto: Philip Salata e Thomas Richards. Foto de Flavio Romualdo Garofano.

Foto 2 – *I Am America* (2012)



Na foto: Lloyd Bricken, Itahisa Borges-Mendez, Mario Biagini, Alejandro Tomas Rodriguez, Agnieszka Kazimierska e Cinzia Cigna. Foto de Jorge Etecheber.

Outra reflexão fecunda que acaba por relacionar artigos do primeiro e segundo blocos é aquela sobre o lugar do espectador no quadro das investigações de Grotowski e do *Workcenter*. Essa reflexão é importantíssima, por confrontar-se com leituras equivocadas que olhavam (e olham) para a investigação de Grotowski – sobretudo nas suas últimas fases de trabalho – e do *Workcenter*, como se ela só estivesse interessada nos aspectos mais *intestinos* do atuante e não estivesse preocupada com o espectador e nem vinculada ao mundo no qual se desenvolve. Esses artigos, notadamente o de Piergiorgio Giacché, corrigem essa interpretação equivocada colocando o espectador (seja

que nome tenha ou que lugar ocupe a cada momento) também no centro da revolução artística (e não só artística) grotowskiana, que propõe e propõe “Relações a serem tecidas, não mais no plano da comunicação ou da correspondência, mas para se imaginar ao longo do eixo de uma tensão vertical” (p. 244).

O artigo de Éric Vautrin, professor da Universidade de Caen e diretor teatral, foi escolhido para finalizar o dossiê – mesmo que depois dele ainda haja um belíssimo texto de Biagini. Seu escrito, como ele mesmo diz, tem o intuito de recolocar a obra de Grotowski “[...] no conjunto de preocupações de uma época, para perceber como suas pesquisas se dirigem não apenas a uma arte do ator de disciplina estrita ou a espetáculos de estética *pobre*, fórmulas bastante comuns pelas quais é lembrado e estudado, mas a uma concepção da arte e do teatro que se manifesta ainda hoje, e, finalmente, a uma maneira de ser e de viver que ultrapassa seu tempo e o campo estrito da arte. Essa apreensão renovada da obra e das pesquisas de Grotowski permite recolocá-las na história do teatro e das artes performativas recentes, assim como reconsiderar o projeto do *Workcenter* e seu desenvolvimento atual como um lugar e um espaço onde se conjugam pesquisa e criação [...]” (p. 276).

Poder-se-á perceber que os estudos aqui apresentados estão afinados com a proposta de Vautrin. Os articulistas são leitores assíduos de Grotowski. Todos os textos de Grotowski citados aparecem relacionados ao seu contexto criativo, o que quer dizer em seu devir, em seu processo de autocrítica e de investigação. Por isso mesmo, e também pela ênfase em uma leitura que aponta para a *práxis* (do teatro, da cena, da arte, da vida), esses textos, e as análises que deles se depreendem, revelam ser de uma atualidade extrema. Eles colocam em xeque – ou sob uma luz potente – muitas de nossas questões artísticas atuais. Os artigos aqui apresentados fizeram-me lembrar do nome de um filme de 1963, feito sobre Grotowski. Ele chamava-se *Era Sócrates polonês?* Sim, Grotowski – e o *Workcenter* –, sob a lente desses estudiosos, aparece como um *certo* Sócrates e, assim como fazia Sócrates, inquieta-nos, transforma-nos, devolve-nos a pergunta sobre aquilo que estamos realizando.

O trabalho não termina aqui. Na realidade, estes artigos, por sua qualidade, iluminam o trabalho que precisa ainda ser feito. É preciso reler Grotowski e esse reler deve ser entendido em dois sentidos: é preciso voltar acuradamente a seus textos e, através desse

trabalho detalhado, é preciso voltar a interpretar seu percurso em um *vis-à-vis* – que não tem nada de confortável – com nossas próprias *aventuras* e capacidades, do mesmo modo que Grotowski fez com o percurso de Stanislavski.

Embora os textos de Biagini e Richards tenham seguido o enquadramento por blocos e ficado, naturalmente, no segundo bloco, gostaria, pela importância desses artigos, de comentá-los separadamente. São textos, por motivos diferentes, fundamentais.

Em *Sobre The Living Room*, texto recente, de 2011, Thomas Richards nos convida a acompanhar a gestação da última *Action* do *Workcenter*, *The Living Room*. O que salta aos olhos é a relação estreita entre obra e vida, vida compartilhada e totalmente comprometida com o mundo de hoje. A obra – *The Living Room* – aparece como uma resposta, constantemente reaberta, a questões colocadas por Richards à sua vida individual, à vida contemporânea, à própria vida que, em todas as instâncias, aparece como vida *em comum*: “[...] eu precisava reexaminar minha relação com o trabalho, com seus processos, o que era verdadeiramente o equivalente a examinar minha própria vida” (p. 269).

Richards diz, referindo-se ao *Workcenter*, que “[...] para que uma organização criativa possa manter um processo vivo por tanto tempo, uma reavaliação contínua se faz necessária. É como conduzir um barco – não se pode cruzar o Oceano Atlântico posicionando as velas de uma vez por todas” (p. 269). Aqui não há a *defesa* de qualquer instituição, a fé em qualquer dogma estabelecido a priori, mas um processo de ajustamento do trabalho às suas necessidades mais essenciais. Uma atenção, uma lucidez e uma coragem são necessárias para poder olhar essas necessidades e reposicionar as velas do barco. Trata-se, talvez, de manter-se fiel ao que Biagini chamará, no seu texto *Desejo sem Objeto*, de um *desejo inominado*: “A pesquisa do *Workcenter* encarna um poderoso desejo. Não é nenhum tipo de nostalgia de uma Idade do Ouro mítica. Em alguns momentos raros da vida, quando um choque nos move, cada um de nós reconhece em si mesmo os sintomas de um desejo inominado, um desejo sem objeto, uma aspiração diferente da cadeia normal dos desejos, diferente da nossa percepção daquilo que gostamos e não gostamos” (p. 177).

E, desta forma, no texto de Richards, o *Workcenter* aparece como lugar ao mesmo tempo de resistência e de participação no mundo. Quando, como diz Thomas, nossas casas se tornaram centrais de

mídias, o *Workcenter* na contracorrente, “[...] tira os seres humanos do anonimato, os põe em contato, usando o ofício das artes performativas como uma maneira de restabelecer conexões inter-humanas, indo até mesmo contra os nossos próprios desejos de isolamento e proteção” (p. 273).

O texto de Richards é, assim, um testemunho eloquente dos processos vivos, e, portanto, em permanente transformação e ajustamento, que construíram e constroem o *Workcenter*.

Os textos de Mario Biagini, *Encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”* e o já citado “Desejo sem Objeto” são textos bem mais antigos que o de Richards. O primeiro foi baseado em transcrição de um seminário de 3 dias ministrado por Biagini em *La Sapienza*, Universidade de Roma, em novembro de 2000, e o segundo é um texto organizado por Lisa Wolford Wylam a partir do registro de várias conferências públicas que Biagini realizou durante o projeto *Tracing Roads Across* ocorrido entre os anos de 2003 e de 2006. Os textos, embora antigos e se referindo, em alguns momentos, ao trabalho que estava sendo realizado à época, não são de maneira alguma datados, e abordam inúmeras questões pertinentes ao *Workcenter*. São um chamado a um tipo de práxis que é uma práxis sobre a vida: “Qualquer *práxis* humana pode ser o fundamento de um trabalho sobre a vida. Não falo metaforicamente, quero dizer *trabalho sobre vida* no sentido literal: a própria vida, um material como a madeira para o carpinteiro ou as sementes e as plantas para o jardineiro” (p. 178).

Acredito, na verdade, que esses textos de Biagini, junto ao livro *The Heart of Practice: within the Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*⁵, de Richards, sejam os textos mais fundamentais para a compreensão do trabalho que se realizou e se realiza no *Workcenter*. E, ao mesmo tempo, como são textos que nasceram de debates, de perguntas feitas a Biagini, eles dialogam com inúmeras questões daqueles que fazem, hoje, teatro. A discussão sobre ação física, por exemplo, é primorosa, não deixando nenhum lugar para fixidez ou regras válidas de uma vez por todas, nenhum lugar para aquele leitor que procura uma *receita*, um *método*. Diz, por exemplo, Biagini, criticando certas maneiras de se pensar/praticar a ação física: “No modo pelo qual nós normalmente trabalhamos em um fragmento, portanto, não há um recipiente distinguível de um conteúdo, como um tipo de *estrutura externa* fantasmagórica animada por uma *substância interna* ainda mais fantasmagórica” (p. 302).

Biagini passa por uma dezena de temas e seria impossível tocar aqui em todos os pontos. Escolhi, então, apenas um desses temas: a questão do legado, da herança, da transmissão de Grotowski no *Workcenter*. Trabalhei elencando algumas citações que clareiam a direção desse legado.

O que fica mais claro é que, para Biagini, só é possível falar em legado levando em conta o caminho da liberdade. Diz de Grotowski que ele “[...] tinha a natureza, ou o destino, de alguém extremamente livre. [...] O que salta aos olhos ao olharmos para sua vida, ou ao conhecê-lo, é uma profunda, quase desesperada, atração pela liberdade, a pergunta: é possível ser livre?” (p. 183). E é também porque não abre mão da lucidez, da permanente autocrítica e da autonomia que o *Workcenter* é herdeiro de Grotowski: “Cada vez que caíamos na armadilha de transformar algo que ele havia dito numa regra universal, ele nos sacudia desse conforto, que não tinha absolutamente nada que ver com o que ele estava tentando indicar: um caminho para a autonomia” (p. 186). Assim, Biagini pode citar Nisargadatta, que, ao ser perguntado se seguia as pegadas de seu guru, respondeu: “Não há pegadas, pois meu guru não tem pés” (p. 186).

E pode também dizer, a partir da sua prática e daquela de Richards: “Não estamos seguindo um caminho já traçado. Abrimos nossa própria estrada, se uma estrada é possível e necessária. Quando a arte, como era a intenção de Grotowski, serve a um trabalho sobre si mesmo, alguns aspectos tradicionais podem estar presentes, por exemplo, a relação professor-aprendiz. Mas, como o próprio Grotowski escreveu, uma tradição pode viver somente se a nova geração vai além da anterior. Uma investigação. Ou seja, uma exploração onde não existem mapas” (p. 186-187).

Os textos de Richards e Biagini são chamados exigentes à liberdade, à singularidade e ao desejo. Convidam a uma lucidez extrema sobre a práxis artística e sobre o homem que, a realizando, se reconfigura, se transforma, se torna *outro* de si mesmo. Esses textos, é preciso lê-los e relê-los, dialogar com eles, deixar que ressoem/friccionem em nossas práticas e percepções.

Gostaria de finalizar com uma questão que, pertinente aos meus interesses, percebi estar presente em quase todos os artigos desta coletânea: a questão da subjetividade. No embate com as investigações de Grotowski e do *Workcenter*, muitos dos autores acabam por se haver com uma dimensão da arte enquanto lugar de experimen-

tação, conhecimento, criação ou rememoração de outros modos de ser/não-ser e de estar no mundo. Para dar algumas pistas e deixar o leitor atento, apresento pequenas iscas encontradas em alguns dos artigos: a admiração de Grotowski por Ramana Maharshi, para quem a pergunta fundamental era: “Quem sou eu?” (Attisani), o trabalho de Grotowski sobre o homem interior (Salata), a dimensão do inconsciente que insiste e do ‘eu’ que resiste ou o ‘devir-homem’ (Lima), a noção de presença (Rodrigues), a percepção de uma transformação ontológica que ocorre no trabalho (Plá), a pergunta ‘de que *si* se trata no trabalho sobre si?’ (Motta Lima), a possibilidade experimentada do ‘eu-ninguém’ (Biagini), o problema dos ‘vários chapéus’ identitários (Richards).

Além dos temas e noções elencados, também vários dos autores citados, nos diferentes artigos, para dialogar com as obras de Grotowski, Richards e Biagini – como Heidegger, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Lacan, Gurdjieff e Brook –, nos dão a dimensão da importância que a questão da subjetividade pode ter para uma melhor reflexão sobre as experiências/investigações realizadas por aqueles artistas⁶.

Notas

¹ O *Workcenter of Jerzy Grotowski* foi fundado, a convite de Roberto Bacci e Carla Pollastrelli, em 1986, em Pontedera, na Itália. Ali, Grotowski desenvolveu, até a sua morte em 1999, a investigação que nomeou de “arte como veículo”. Atualmente, no *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*, há duas equipes de trabalho: *Focused Research Team in Art as Vehicle*, liderada pelo diretor artístico do *Workcenter*, Thomas Richards, e *Open Program*, liderada pelo diretor associado, Mario Biagini.

² Thomas Richards é diretor do *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*. Em 1996, Grotowski colocou o nome de Richards ao lado do seu no *Workcenter*, marcando com esse ato, e também com uma série de declarações, o lugar de Richards como o de herdeiro e continuador de suas investigações. Grotowski chamou-o de *colaborador essencial* e definiu a natureza de sua relação com Richards como sendo a de *transmissão do aspecto interior do trabalho*. Antes mesmo da morte de Grotowski, Richards já liderava, junto com Mario Biagini, hoje diretor associado, as investigações realizadas no *Workcenter*. Os dois artistas também detêm os direitos sobre a obra de Grotowski.

³ As obras da “arte como veículo” são chamadas de *Actions*. As principais foram, na ordem: *Downstairs Action*, *Action*, *The Letter* e, atualmente, *The Living Room*. Atualmente, o *Open Program*, liderado por Biagini, apresenta-se com quatro espetáculos: *I Am America*, *Not History's Bones – a Poetry Concert*, *Electric Party Songs* e *Electric Party*.

⁴ Grotowski, no texto *Da Companhia Teatral à arte como veículo* dividiu seu trabalho em 4 fases distintas: o *teatro dos espetáculos*, o *parateatro*, o *Teatro das Fontes* e a *arte como veículo*. Alguns pesquisadores (como De Marinis e Schechner, por exemplo) falam ainda da fase do *Objective Drama*, período entre 1983 e 1985 no qual Grotowski trabalhou na Universidade da Califórnia, Irvine.

⁵ O livro foi publicado, em 2008, pela Editora anglo-americana *Routledge*, e é composto de três entrevistas: *The Edge-Point of Performance*, entrevistadora Lisa Wolford; *As An Unbroken Stream*, entrevistadora Tatiana Motta Lima; e *In the Territory of Something Third*, entrevistador Kris Salata.

⁶ Gostaríamos de agradecer, Icicle e eu, ao *Workcenter*, pelas fotos, utilizadas na capa e nesta apresentação, que nos foram gentilmente cedidas. Gostaríamos também de agradecer a Carla Pollastrelli, que dividiu comigo o trabalho de revisão das traduções dos textos de Richards e Biagini. E, por último, agradecer a Antonio Attisani por sua colaboração, em diferentes instâncias, para a feitura desta publicação.

Tatiana Motta Lima é professora adjunta da Graduação (Departamento de Interpretação) e da Pós Graduação (PPGAC e PPGEAC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Autora do livro *Palavras Praticadas*, o percurso artístico de Jerzy Grotowski (1959-1974), Editora Perspectiva, 2012. Atriz e diretora bissexta. Ministra oficinas de formação e reciclagem de atores. Coordena o projeto de extensão “Núcleo de Pesquisa do Ator”.
E-mail: tatiana.motta.lima@gmail.com